



**INSTITUTO
FEDERAL
Brasília**
Campus Riacho Fundo
Curso Superior de Licenciatura em Letras-Ingês

O CONCEITO DE COMPETÊNCIA COMUNICATIVA NA LINGUÍSTICA APLICADA: DE HYMES A ALMEIDA FILHO

ALEXANDRE KLIMONTOVICS¹
KENI CARLA DA SILVA MACHADO²

RESUMO

O artigo em tela visa apresentar o desenvolvimento do conceito de competência comunicativa (CC) na área da Linguística Aplicada, colocando em destaque o modelo apresentado pelo linguista aplicado brasileiro Almeida Filho (1993, 2009). No referencial teórico, apresentamos as teorias de Hymes (1979), Canale e Swain (1980), Bachman (1990), Celce-Murcia, Dörnyey e Thurrel (1995) e Almeida Filho (1993). Esclarecemos o tipo de pesquisa bibliográfica realizada a partir de Gil (2002) e apresentamos como resultado de pesquisa uma sequência de modelos de competência comunicativa que se inicia em Hymes (1971) e se conclui em Almeida Filho (2009).

Palavras-chave: Competência Comunicativa. Linguística Aplicada. História do Conceito de CC.

ABSTRACT

The article aims to present the development of the concept of communicative competence (CC) in the area of Applied Linguistics, highlighting the model presented by the Brazilian applied linguist Almeida Filho (1993, 2009). In the theoretical framework, we present the theories of Hymes (1979), Canale and Swain (1980), Bachman (1990), Celce-Murcia, Dörnyey and Thurrel (1995) and Almeida Filho (1993). We clarify the type of bibliographic research carried out from Gil (2002) and present as a result of research a sequence of models of communicative competence that begins in Hymes (1971) and concludes in Almeida Filho (2009).

¹ Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Ingês do Campus Riacho Fundo de Instituto Federal de Brasília, defendido no dia 26 de janeiro de 2022, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras-Ingês.

² Professora do Instituto Federal de Brasília.

Keywords: Communicative Competence. Applied Linguistics. History of the CC Concept.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de competência comunicativa (CC) é relevante para a história do ensino de línguas já que inicia, a partir de Dell Hymes (1971), um movimento que inclui elementos sociais à aquisição da linguagem. “Na visão de Hymes (1971), a competência comunicativa engloba um conjunto inteiro de conhecimentos: linguísticos, psicolinguístico, sociolinguísticos e pragmáticos, para que o falante possa comunicar-se através da língua” (LOIOLA, 2013)³. A construção do conceito de competência comunicativa foi influenciada por diversas pesquisas na área na psicologia da educação e das ciências sociais, da mesma forma que, conforme se desenvolveu, influenciou outros campos do saber como o ensino de línguas.

O ensino comunicativo nasce com o foco central na aquisição da competência comunicativa, ou seja, em uma capacidade de uso da língua. Essa perspectiva de ensino se opõe aos modelos tradicionais que têm a gramática como fim em si mesma. Acreditamos que o conceito de competência comunicativa ganha notoriedade a partir do momento que o ensino comunicativo ganha espaço na demanda social e relevância no campo acadêmico. No Brasil, as pesquisas sobre competência comunicativa se destacam nos programas de Linguística Aplicada (LA) e no trabalho de Almeida Filho que propõe um modelo de CC no ano de 1993 e o revisita, ao lado de colaboradores, no ano de 2009.

Assim, este trabalho busca apresentar o desenvolvimento do conceito de competência comunicativa na área da linguística aplicada, colocando em destaque o modelo apresentado por Almeida Filho (1993, 2009).

Este trabalho está dividido em cinco tópicos: a introdução contextualiza e apresenta o objetivo da pesquisa; o referencial teórico discorre sobre o conceito de CC a partir de diversos teóricos; o referencial metodológico que apresenta a

³ LOIOLA, L. M. Breve histórico do termo competência. Site: História do Ensino de Línguas no Brasil. Disponível em: <<http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-7-no-7-12013/212-breve-historico-do-termo-competencia>>. Acesso em: jan. 2023.

abordagem de pesquisa na qual estamos inseridos; a análise de dados; e por fim, as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico apresentaremos o conceito de competência comunicativa a partir dos seguintes autores: Hymes (1979), Canale e Swain (1980), Bachman (1990), Celce-Murcia, Dörnyey e Thurrel (1995) e Almeida Filho (1993).

2.1 CONCEITO DE COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

A Competência Comunicativa, desde o surgimento de discussões a seu respeito, com (Hymes 1971), não se estabeleceu ainda com uma definição sedimentada, embora muitos pesquisadores e teóricos tratem do tema com afinco e dedicação, pois, a cada época, os conceitos e mecanismos já existentes são modificados conforme se desvendam novos pressupostos sobre o assunto. Contudo, a Linguística aplicada, que é a área a qual se ocupa desse tema com maior precisão, tem oferecido, ao longo de sua evolução, instrumentos suficientes para o desenvolvimento desse tema que se aplica à aprendizagem e ensino de língua, facilitando a sua aquisição.

Marcadamente, pode-se entender Hymes (1971), não só como precursor da Competência Comunicativa, mas também como um marco temporal importante para o início da Linguística Aplicada, pois a dicotomia de Chomsky (1966) já não conseguia dar uma resposta à sociedade, principalmente à comunidade acadêmica, que clamava por uma contextualização da comunicação. Ora, entenda-se que Competência e desempenho traz a visão de um falante ideal, preocupa-se com a gramática e com um indivíduo o qual, livre de qualquer interação social ou contextualização, tem que dar conta da gramática da língua e não da comunicação real.

Posteriormente, Canale e Swain (1980) encarregaram-se de dar continuidade ao projeto de Hymes, porquanto lançaram entendimento de que a comunicação é algo que se sustenta nas interações socioculturais e interpessoais, associando-se ao ensino-aprendizagem de línguas, premissa essa, base da Linguística Aplicada, a qual é uma categoria mais ampla, abarca

os estudos de Competência Comunicativa e, vinha ganhando força devido ao forte clamor social e acadêmico por respostas aplicáveis a situações reais, na década de 80.

Bachman (1990) evoluiu o modelo de Canale e Swain, mas trazia a mesma ideia de socialização da Competência Comunicativa como meio de comunicação real de uso e intenção dos falantes ao interagirem com outros dentro de um determinado contexto. Bachman traz o seguinte modelo: 1. Competência Linguística, subdividida de organizacional e pragmática; 2. Competência Estratégica, esta reveste-se do conhecimento sociocultural (saberes do mundo real) e; 3. Mecanismos Psicofisiológicos, estes estão ligados aos processos neurológicos e psicológicos na real produção da língua como um fenômeno físico. Anos depois, Bachman substituiu a palavra competência por conhecimento, em sua teoria.

A partir da década de 90, muitos estudiosos contribuíram para a fomentação da Linguística Aplicada como matéria autônoma, desenvolvendo temas como a Competência Comunicativa, dentre esses autores podem-se destacar Celce-Murcia, Dörnyey e Thurrel (1995), pois, todos eles defendiam o assunto em pauta como algo voltado para a interação social conforme o uso e contexto linguístico, ora exaltando os feitos dos antecessores, ora implementando as pesquisas desenvolvidas por eles sobre o tema em pauta.

A competência comunicativa foi abordada por Almeida Filho (1993) em uma das suas várias teses, na qual ele afirma que a comunicação é uma forma de interação social onde ocorrem demonstrações de apresentação social, exigindo dos participantes, competência comunicativa, a qual, por seu turno, depende de outras competências do conhecimento.

O aprendiz de uma língua estrangeira traz saberes consigo e, quando instigado, ele aplica-os, desenvolvendo, da melhor maneira, a sua atuação linguística. Contudo, caso o estudante, quando se propuser a estudar uma língua estrangeira, esteja exposto e em contato com seu mundo ou pelo menos o mais próximo possível, as suas atitudes farão com que ele sinta-se à vontade para interagir e se desenvolver linguisticamente, portanto não só fatores como contato com os elementos do seu quadrado, como também iniciativa e habilidades, tanto as suas próprias quanto as trazidas pelo docente, são decisivas para que a

competência comunicativa se aplique aos casos concretos, pois estudar a gramática por ela mesma não darão efetividade ao aprendizado.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Para a realização desta pesquisa empregamos a pesquisa bibliográfica, segundo a definição de Gil (2002). Utilizamos fontes do tipo bibliográfica e empregamos uma sequência de leitura, conforme apresentamos a seguir.

3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Para Gil (2002, p. 44), a Pesquisa Bibliográfica está presente na grande maioria dos estudos e, como no presente caso, o qual se baseia na análise documental, contrapondo-se à busca em fontes já formuladas, pode-se definir Pesquisa Bibliográfica como exploração de material desde então elaborado e finalizado, composto essencialmente de livros e artigos científicos.

Contudo, o tipo de procedimento supracitado, apesar de parecer simples, não o é, pois, conforme a natureza do problema tratado e o grau de precisão que se pretende alcançar com a pesquisa, para desenvolver com presteza e eficiência, necessário se faz observar algumas etapas, a saber: escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; busca das fontes; leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto e; redação do texto.

Segundo Gil (2002, p. 59), importante se faz salientar que, a observação das etapas mencionadas é flexível e não se coloca como uma regra imutável.

3.2 IDENTIFICAÇÃO DAS FONTES

Buscaremos apresentar os modelos da competência comunicativa na área da Linguística Aplicada. Assim, a identificação das fontes disponíveis possibilita tomar melhores decisões em relação ao tipo de leitura empregada e o tratamento dos dados.

3.2.1 FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Fontes bibliográficas, para Gil (2002, p.64), são compêndios capazes de fornecer respostas adequadas à solução do problema proposto durante a elaboração do projeto de pesquisa. Os livros de leitura corrente são as principais fontes bibliográficas, os quais abrangem obras de diversos gêneros literários (romance, poesia, teatro, dentre outras) e produções que trazem conhecimentos técnicos e científicos. Ainda, porém, há fontes secundárias como: obras de referência, teses e dissertações, periódicos científicos, anais de encontros científicos e periódicos de indexação e de resumo.

Gil (2002) classifica ainda as fontes bibliográficas em: obras científicas ou técnicas, cuja intenção do autor é comunicar a especialistas, de maneira sistemática, assuntos relacionados a determinado campo do conhecimento científico ou apresentar o resultado de pesquisas, já em obras de vulgarização, o autor dirige-se a um público não especializado, utilizando linguagem comum e isso inclui obras didáticas, as quais podem ser consideradas de divulgação, pois objetivam transmitir de forma concisa e clara as informações científicas, evitando detalhes especializados. Assim, para o desenvolvimento deste trabalho empregamos principalmente fontes secundárias, de acordo com Gil (2002), como os periódicos científicos.

3.3 LEITURA DO MATERIAL

Nas palavras de Santos (2005, p. 76), antes mesmo de partir para a leitura do material de pesquisa, é importante que o pesquisador não só identifique as obras alvo, mas, principalmente, localize-as. Deve-se, ao começar essa parte do trabalho, identificar o nome do autor, título da obra e assunto, com esses elementos de um fichário, a exploração das obras facilitará a leitura do pesquisador.

Passadas as orientações anteriores, a leitura do material é o ponto crucial para a elaboração do trabalho, pois, dependendo do momento dedicado a isso, a perda de tempo pode levar o pesquisador a se perder e atrasar a sua produção. Portanto, segundo Santos (2005, p. 77), a leitura que se faz na pesquisa bibliográfica pode seguir os seguintes objetivos: identificar as informações e os dados constantes do material; estabelecer relações entre as informações e os

dados obtidos com os problemas proposto na pesquisa e; analisar a consistência e dados apresentados pelos autores.

Diante disso, válido se faz lembrar que os passos apresentados anteriormente não são fixos, mas existem inúmeros manuais orientadores sobre a escolha e leitura do material bibliográfico, contudo Santos (2005), quando trata do assunto relativo à leitura do material, classifica esse ato em quatro tipos, a saber:

1. Leitura exploratória: tem por objetivo verificar em que medida a obra consultada interessa à pesquisa e para isso, o pesquisador precisa possuir sólido conhecimento acerca do assunto tratado no trabalho o qual está desenvolvendo, porquanto esse tipo de leitura exige bastante traquejo no manuseio de publicações científicas.

2. Leitura seletiva: essa parte do trabalho refere-se a seleção do material realmente interessante para a pesquisa e vem logo depois da leitura exploratória, ou seja, primeiro se explora e depois se seleciona, porquanto assim não se desperdiça tempo lendo textos que não contribuam para a solução efetiva do problema proposto. Esse passo é mais profundo que o anterior e faz com que o pesquisador volte ao mesmo material, várias vezes com propósitos diferentes.

3. Leitura analítica: é feita com base nos textos selecionados, mesmo que ocorra a necessidade de adição de novos textos e a eliminação de outros tantos. Ordenar e resumir nas fontes, para possibilitar a obtenção de resposta ao problema da pesquisa, a leitura seletiva é de natureza crítica, isto nas palavras de Santos (2005).

4. Leitura interpretativa: é a última etapa do processo de leitura das fontes bibliográfica e a mais complexa, pois tem o objetivo de relacionar o que o autor informa com o problema para o qual se propõe uma solução.

4 ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo busca apresentar o desenvolvimento do conceito de competência comunicativa na área da LA, destacando o modelo desenvolvido por Almeida Filho (1993, 2009).

4.1 CHOMSKY: COMPETÊNCIA E DESEMPENHO

Antes de iniciar-se esse tópico, imperioso se faz traçar algumas considerações sobre o conceito de competência. Desde Chomsky (1965), o termo supracitado não tem uma delimitação única, pois, tanto a Linguística quanto a Linguística aplicada o empregam sob o enfoque e sentidos diferentes, provocando uma grande confusão de definições, porquanto cada autor tentou adaptar o conceito de competência a seu propósito ou a seu campo de atuação, isto sob o prisma da Professora Teixeira da Silva (2004).

Chomsky define competência como conhecimento das regras, estrutura de uma língua e desempenho é o uso real da língua em situações reais, tudo sem se preocupar com a função social da língua. Diante disso, a partir de Hymes (1979), é que a competência comunicativa começa a ficar em evidência, pois ele inseriu a este conceito, a maneira que cada indivíduo usa as regras do discurso da comunidade a qual ele está inserido para ser competente na sua comunicação, ou seja, não basta conhecer e utilizar bem, as regras da gramática normativa se não se levar em consideração este conceito de uso social da língua e, sendo um marco entre a dicotomia de Chomsky (1965), a definição de competência do antropólogo Hymes, além de colocá-la em cheque, dá início a estudos da competência comunicativa.

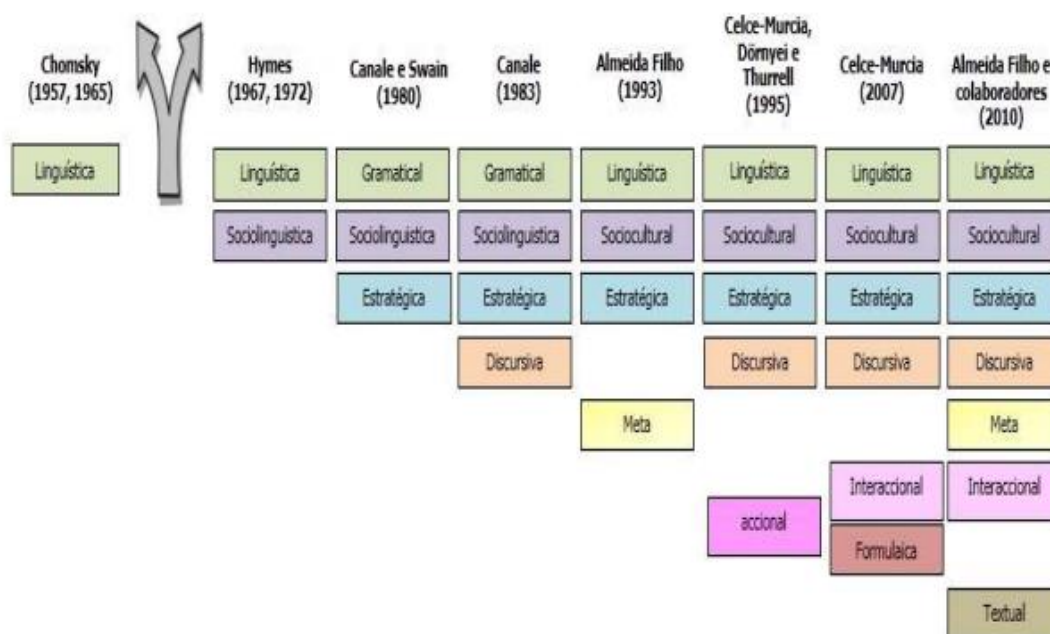
O aspecto social inserido por Hymes não só questionou a competência e desempenho de Chomsky, mas também trouxe a baila, a partir daí, uma grande dificuldade em definir competência comunicativa entre os autores que o sucederam, porquanto ampliou a definição de competência e desempenho, mas acima de tudo criou uma nova visão do assunto com uma perspectiva mais ampla de emprego da linguagem enquanto em seu aspecto social.

4.2 A COMPETÊNCIA COMUNICATIVA: DE HYMES A CELCE-MURCIA

Desde 1967, iniciando-se com Hymes, vem passando por transformações, isto conforme o entendimento de cada teórico. Desde Hymes contrapondo-se a Chomsky, passando pelos conceitos de Canale e Swain (1980), até o Professor Almeida Filho (2010), o conceito supramencionado mostra-se cada vez mais sofisticado, gerando a cada geração uma confusão em defini-lo com precisão, veja abaixo o quadro de modelos teóricos de Competência Comunicativa, criado por Guimarães e Silva (2014), para

demonstrar a evolução do conceito em análise durante décadas que se sucedem:

Figura 1 - Modelos Teóricos de Competência Comunicativa



Fonte: Guimarães e Silva (2014)

Assim, ao analisar o quadro acima, o leitor terá o resumo da trajetória de evolução do conceito de Competência Comunicativa ao longo dos tempos até chegar ao Modelo Almeidiano que se tem nos dias de hoje, sendo perceber o quanto esse conceito modificou-se até chegar ao modelo atual.

Canale e Swain (1980) abordaram quatro tipos de competência: gramatical, a qual trata do domínio do código linguístico com as habilidades em reconhecer as características da língua e usá-las para formar palavras e frases; a sociolinguística, a qual é aquela que leva em consideração o conhecimento das regras sociais, as quais norteiam o uso da língua, compreensão do contexto social ao qual a língua é usada, o que o aproxima de Hymes (1967); a discursiva, esta subsuma-se à conexão de uma série de orações e frases, com a finalidade de formar um todo significativo, com o compartilhamento para quem fala, com o qual, além do falante/escritor e ouvinte/leite e, por fim; a estratégica, da qual pode-se empreender que a competência comunicativa é relativa, ou seja, a estratégia de enfrentamento ou artifícios linguísticos utilizados pelo falante, devem ser usadas para compensar qualquer distorção no conhecimento de regras gramaticais. Assim, para Canale e Swain, os alunos só adquiririam competência

comunicativa se fossem expostos, de maneira uniforme, a essas quatro formas de competência, isso nas palavras de Silva (2004). Importante é lembrar que a “capacidade de usar ou desempenho comunicativo”, a qual se traduz na realização e interação das competências, na produção e compreensão dos enunciados, de Hymes, não aparece no modelo de Canale e Swain, que a substituíram por “estratégia de enfrentamento”, não incluem conhecimento e sim capacidade para participar da interação, contudo pode-se afirmar que, como fez Silva (2004), elas pertencem ao campo do desempenho.

Para Celce-Murcia (1995), o modelo de Canale e Swain é ideal, pois contribuiu para a incorporação da Competência Sociolinguística, que posteriormente foi separada da discursiva. Na representação dessa autora temos as seguintes competências: a Discursiva, a Linguística, a Estratégica, a Sociocultural e a Acional (essas duas últimas antes formavam a Sociolinguística). Ela explica que os recursos de língua estão nos componentes linguísticos, acional e discursivo, enquanto o conhecimento sociocultural é necessário para se “remanejar apropriadamente” os recursos de outros componentes. A Competência Acional é a habilidade de produzir e compreender os atos de fala, o componente Metacomunicacional é caracterizado pela capacidade do falante de uma língua de saber reconhecer e explicar verbalmente com taxonomia adequada, aspectos relevantes da comunicação, já a sub-competência estratégica refere-se aos componentes de compensação e de realce da comunicação, que são: formulaico, estético e lúdico, isto nas palavras de Franco (2009).

Almeida Filho (1993, 1997 e 1999) ao definir comunicação como uma forma de interação social onde ocorrem demonstrações de apresentação pessoal, conjugadas ou não a casos de construção de conhecimento e troca de informações, esse autor concebe a comunicação verbal como um processo mais complexo, que exige dos envolvidos uma competência comunicativa a qual depende de outras competências e conhecimentos. Portanto para Almeida filho, ao englobar as noções de competência e desempenho sobre a expressão competência comunicativa, o que é útil na medida em que o lugar que o desempenho deve ocupar, fica, de uma vez por todas, determinado, isso nas palavras de Silva (2004).

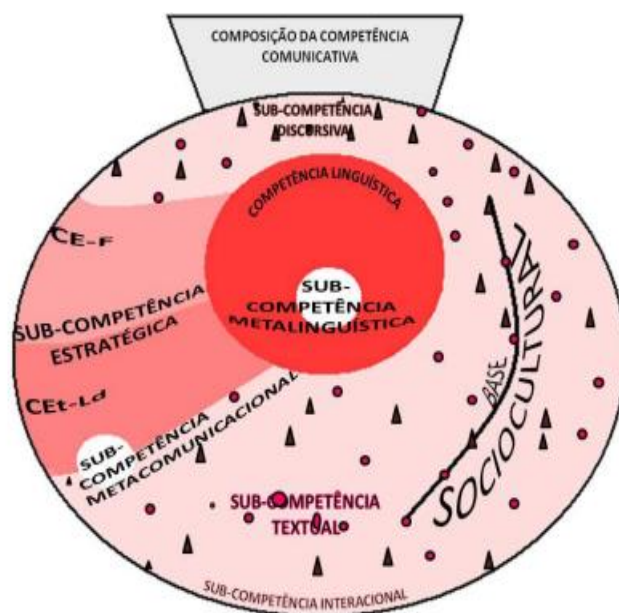
Portanto, após o levantamento e discussão das principais definições de competência comunicativa, chegou-se à conclusão de que um conceito de competência comunicativa deve englobar competência e desempenho. Não há, entretanto, como separar na prática, competência e desempenho, porquanto uma depende da outra. Pode-se assim dizer que, uma vez que a primeira se constitui num sistema abstrato armazenado na mente do indivíduo, o desempenho por sua vez, deve ser visto como algo que esse indivíduo faz com esse conhecimento.

4.3 O MODELO ALMEIDIANO

Mesmo com o apanhado e as reflexões trazidos anteriormente, a definição e entendimento sobre a competência comunicativa ainda estão longe de ser delimitados entre professores e alunos de língua inglesa, por mais que alguns deles utilizem esses conceitos de forma intuitiva e os empreguem no seu dia a dia, despertando mais questionamentos nos cientistas e estudiosos do tema. Almeida Filho (1993) tem se dedicado a esses estudos que tem mostrado o quanto o processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa, dentro dessa abordagem se torna melhor e mais possível, isto dentro de uma perspectiva e anseios dos que se propõem a aprender um idioma.

Ainda dentro da perspectiva de Celce-Murcia de concepção da Competência Comunicativa, o Professor Almeida Filho (2009) elaborou uma representação gráfica que ilustra bem essa abordagem:

Figura 2 – Representação da CC a partir de discussões no projeto Pró-Formação.



Fonte: Almeida Filho et al. (2009)

Almeida Filho considera Competência Linguística (representada pelo círculo no centro do desenho acima) como subordinada à comunicação, mas ao mesmo tempo a base sem a qual não se desenvolvem as outras sub-competências, retomando as ideias de Celce-Murcia (2008) acerca da definição das sub-competências sociocultural e interacional, o que dialoga com as teorias de Hymes (1971), assim o conhecimento sociocultural possibilita a interação e é adquirido através dela, formando esses elementos uma conexão dinâmica.

Imperioso se faz ressaltar que, apesar de não terem sido pensadas diretamente para a questão de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, as premissas desenvolvidas pelo antropólogo Hymes a partir de 1971, as quais vão de encontro ao falante ideal da dicotomia de Chomsky (1957), corroboradas pelos modelos de outros autores mais contemporâneos como Celce-Múrcia e, principalmente propostas de estudo do Professor Almeida Filho (2009), vêm servindo para balizar o desenvolvimento de pesquisas voltadas para a fomentação da linguagem no processo de aquisição de um idioma por meio da competência comunicativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo proposto no início deste artigo foi alcançado na medida em que apresentamos uma sequência de modelos de competência comunicativa considerados na Linguística Aplicada, que se inicia em Hymes (1971) e se encerra em Almeida Filho (1993, 2009). O primeiro e o último modelo se diferenciam principalmente em função da subcompetência estratégica e a metalinguagem. Também destacamos o modelo de Almeida Filho (2009) que avança no sentido de apresentar uma composição da competência comunicativa mais completa, na qual os elementos interagem de forma orgânica em uma base sociocultural.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **Maneiras de compreender Linguística Aplicada**. Campinas: Pontes Editores, 2005.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **Linguística Aplicada, Aplicação de Linguística e Ensino de Línguas**. Campinas: Pontes Editores, 2005.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **Formação de Professores de Línguas Estrangeiras: Alguns alinhamentos para apoiar o processo**. Brasília, 2012.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **Quatro Estações no Ensino de Línguas**. Campinas: Pontes, 2015.

GUIMARÃES, Renata. Mourão. **Planejamento CLIL por Tarefas: Integrando Temas e Língua para Fins Específicos na Educação Profissional**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015. Dissertação de mestrado.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SILVA, Vera Lúcia Teixeira. **Competência Comunicativa em Língua Estrangeira (Que conceito é esse?)**. Rio de Janeiro: Solettras, 2004.

IRAGUI, Jasone Cenoz. **El Concepto de Competência Comunicativa**. País Vasco: Universidad del País Vasco, 2001.

FRANCO, Marilda Macedo Souto. **O Conceito de Competência Comunicativa em Restrospectiva e Perspectiva**. Brasília: Revista Desempenho, 2009.

NUNES, Claudecy Campos. **Reflexões sobre a abordagem comunicativa no ensino de línguas estrangeiras**. Londrina: Entretextos, 2018.